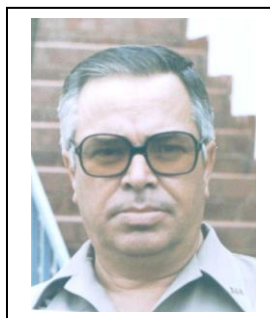


1

FHE POUPEX

CANGUÇU-RS PROFESSORA MARLENE BARBOSA COELHO UMA GRANDE PERDA PARA A TRADIÇÃO E CULTURA DE CANGUÇU



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itaiaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Mota Grosso do Sul etc. Foi o 3º vice-presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itaitiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado à Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itaiaiense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório, Marques do Herval e do Duque e Duque de Caxias. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990. E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu Centenário em 1987. Possui o Curso de Analista A da Escola Nacional de Informações em 1975. É Comendador do Mérito Militar e possui 5 prêmios Literários. Ecreveu a História do Exército no Rio Grande do Sul composto de 21 volumes. **ARTIGO DO AUTOR DIGITALIZADO PARA DISPONIBILIZÁ-LO NO SITE DA FAHIMTB WWW.AHIMTB.ORG.BR EM LIVROS E PLAQUETAS E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO A AMAN EM BOLETIM ESPECIAL 002 DE 17 NOV 2004 E INTEGRADO AO PERGAMUM DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO**

Jornal O LIBERAL A PEDIDO

CANGUÇU-RS PROFESSORA MARLENE BARBOSA COELHO UMA GRANDE PERDA PARA A TRADIÇÃO E CULTURA DE CANGUÇU

Cel Cláudio Moreira Bento - Pres. da ACANDHIS



Professora Marlene Barbosa Coelho

A pesquisa, o culto e divulgação da História e Tradições de Canguçu, acabam de receber rude golpe e, por via de consequência, a Academia Canguçuense de História, com o desaparecimento da professora Marlene Barbosa Coelho, a dedicada coordenadora da ACANDHIS desde a sua fundação em 13 de setembro de 1988. Animadora cultural local notável e criativa, desde menina revelou sua vocação, ao produzir, como ginásiana, junto com colegas do Colégio Aparecida, o denominado Grupo Flor de Láscio, um ensaio de resgate da História de Canguçu que se encontrava coberto pela patina dos tempos. Ensaio que me doou e cujo original integra o Arquivo Conrado Ernâni Bento. Sua maior realização cultural foi o Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa, seu bisavô que morreu na Campanha do Paraguai. Museu que idealizou, implementou e conseguiu inaugurar em 1972. Revelou rara vocação e particularmente amor e devoção pela História de Canguçu, muito nos auxiliando com subsídios para tornarmos realidade o meu projeto concretizado em 1983, depois de cerca de 30 anos de pesquisas, traduzido no meu livro Canguçu reencontro com a História, de cuja distribuição encarregou-se depois de publicado pelo Instituto Estadual do Livro com o prefácio de Barbosa Lessa. Nascemos, ambos num 19 de outubro,

Penso, que fomos escalados, lá do alto, para em parceria, resgatamos a bela História esquecida e abandonada de Canguçu. E felizmente demos cabal desempenho desta missão telúrica. E o fizemos em parceria. Ela atuando como museóloga particularmente no que tange ao patrimônio Histórico local e, nós, como Historiador, em particular de Canguçu, resgatando e divulgando em livros e artigos o seu patrimônio cultural.

Marlene cursou Licenciatura em História na UCPel. Conosco, Irmã Firmina Simon, professora Laedi Bosembecker e o radialista Adão Jesus Marques Pereira, por proposta nossa ao historiador presidente Dante de Laytano, Marlene integrou a Delegacia Canguçuense da Academia Brasileira de História. Delegacia a quem muito está a dever o renascimento cultural de Canguçu na Semana de Canguçu de 1978. Semana que marcou, entre outros relevantes eventos, a inauguração da Casa da Cultura de Canguçu com seu museu e biblioteca, em prédio provisório e, nesta oportunidade, a outorga o título de Cidadã Canguçuense a Irmã Firmina Simon, nossa grande amiga, cabendo-me o privilégio de fornecer os subsídios sobre sua vida e obra ao vereador Adão Jesus Pereira. Fatos que recordarei breve em livro CANGUÇU 200 ANOS - Efemérides - para confirmar nossa afirmação. Marlene foi uma guerreira da História e da Tradição de Canguçu e do Rio Grande do Sul. Foi grande e apreciada companheira, é a única sócia feminina efetiva do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul que fundamos em 1986. Ela teve participação em quase todos os seus encontros onde era figura muito apreciada pelos demais sócios. Instituto que reverenciará a sua memória em 27 de maio no Colégio Militar de Porto Alegre, tendo como porta voz a jovem tradicionalista aluna Deborah. Patrão do GTG Casarão da Várzea.

Marlene com apoio do Membro Honorário do IHTRGS, prefeito Odilon Meskó, coordenou modelarmente o encontro do IHTRGS em Canguçu. Um dos últimos e originais trabalhos que produziu foi um audio visual sobre a História de Canguçu que apresentou num Encontro de Micro-história do Rio Grande do Sul, aliás, fórum em que sempre se fez presente, divulgando coisas de Canguçu. Gostava de animar, pesquisar, organizar e fazer e pouco de escrever ou publicar. Com satisfação conhecemos através da presidente em exercício da ACANDHIS,

professora Yonne Maria Scherer Bento que Marlene deixou prontos o seu discurso de posse na ACANDHIS, na cadeira Capitão José Henrique Barbosa o que a consagrará como acadêmica post mortem e, um trabalho sobre sua obra maior - o Museu - para a projetada revista da ACANDHIS comemorativa dos 200 anos de Canguçu, de autoria da acadêmica Élide d'Ávila Canez . Querida amiga confreira e parceira Marlene. Cumpristes tua missão! Valeu! Espero ver que teu nome seja de justiça, dado ao Museu de Canguçu que idealizastes e construístes como te sugeri um dia e ficaste feliz. E, o Capitão José Henrique Barbosa ser imortalizado num nome de rua junto com o tenente coronel Honorário do Exército Theophilo de Souza Mattos, dois heróis de Canguçu na Guerra do Paraguai, e dois heróis esquecidos. Museu e Sala da Academia Canguçuense de História a Casa de Memória de Canguçu juntos na Casa da Cultura, a casa em reforma que deveria chamar-se a Casa do Bicentenário de Canguçu. E tudo para que a memória de Canguçu, que juntos, orgulhosamente resgatamos e divulgamos com tantos sacrifícios, canseiras e muito amor, seja preservada pela posteridade de Canguçu. Que assim seja!!! Saudades de teus amigos e admiradores da ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA - A Casa de Memória de Canguçu.

Nota do autor em 2017: Fotos do quadro de acadêmicos elaborado pela Acadêmica Mirian Reys Barbosa e e outra abaixo por ela digitalizadas do álbum da acadêmica Rocha Wiskow que registra a História da ACANDHIS em fotos



**MARLENE BARBOSA COELHO E SEU MUSEU NA VISÃO DA ACADEMICA
PROFESSORA MIRIAM ZULEIKA REYS BARBOSA**



Coronel Cláudio Moreira Bento, boa tarde! Conforme o senhor havia me solicitado, estou lhe enviando algo que escrevi sobre a Marlene e também sobre o Museu Municipal "Capitão Henrique José Barbosa". Começo pedindo o consentimento da acadêmica Élide de Ávila Canez, para usar de suas palavras quando descreveu sua amiga Marlene, como sendo uma mulher de fibra, que sempre procurou engrandecer sua terra, sua gente, sua história e como incansável pesquisadora do passado, deixou registrado fatos importantes da história de Canguçu, palavras carregadas de emoção, proferidas pela confreira Élide no momento de sua posse na cadeira de nº 16, cujo patrono é

o Capitão Henrique José Barbosa", bisavô de Marlene e que deveria ter sido ocupada pela mesma, não fosse o seu prematuro falecimento. Élide ainda registrou que Marlene, desde menina, tinha como sonho resgatar a História de Canguçu, mas não bastava só no papel, ela queria mais e nos anos 60, começou a juntar peças relacionadas com a vida daqueles que haviam povoado nosso município nos primórdios da sua história, com o objetivo de montar um museu com peças que viessem contar histórias sobre Canguçu, por isso, a cada informação que recebia não media esforços para buscar a verdade sobre os fatos; dedicou-se a pesquisa e ao registro de nossa história; fez da casa de seus pais o depósito das muitas peças históricas que conseguiu arrecadar. Colocou ainda que Marlene trabalhou incansavelmente para a criação da Academia Canguçuense de História, ao lado do Coronel Cláudio Moreira Bento. Disse ainda, que ela preparou e organizou a lei de criação do Conselho do Patrimônio Histórico de Canguçu e foi membro da Academia Brasileira de História em São Paulo, disse que ao Tradicionalismo, ela dedicou-se com entusiasmo: pesquisando e cultuando as tradições do nosso Estado; que integrou a Comissão Organizadora dos Festejos do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, que participou de vários Congressos Tradicionalistas Gaúchos como delegada do CTG Sinuelo e que, por fim, participou na organização do Piquete Vanguardeiro;

Já no meu caso, Miriam Zuleika Reyes Barbosa, acredito que sempre se faz justiça ao homenageá-la, lembrando-a como uma das colaboradoras mais fieis, da ACANDHIS, do CTG. Sinuelo e da 21ª Região Tradicionalista; dedicada ao departamento cultural do CTG Sinuelo, preparava suas prendas para que estas pudessem bem representar o CTG e também o município, em concursos da 21ª Região Tradicionalista e posteriormente em concursos à nível estadual. E tamanha era a sua dedicação, que o CTG Sinuelo conquistou o título de 1ª Prenda da 21ª Região Tradicionalista, por 14 anos consecutivos e tal feito muito se deve a colaboração da incansável de Marlene Barbosa Coelho, que com carinho e firme cobrança, nos colocava na obrigação da conquista de tal título... e se assim me expresse é por ter sido uma das tantas prendas a quem ela dedicou especial atenção e empenho na preparação para tais concursos, visando sempre colocar o "Sinuelo" em lugar de destaque, lutando para que este se firmasse no cenário Riograndense, como uma entidade que além do culto a tradição, também se dedicava a reflexão sobre a História gaúcha e o legado dos bravos gaúchos do passado.

Finalizando, gostaria de acrescentar que escrever sobre Marlene Barbosa Coelho ou descrevê-la é tarefa fácil, pois Marlene era uma mulher transparente, verdadeira, idealista, batalhadora, todos sabiam do que ela gostava, todos sabiam seus interesses e o que poderia agradá-la... Seus olhos brilhavam de felicidade quando percebia que alguém expressava interesse pela história de Canguçu ou do Rio Grande do Sul.

Marlene é uma presença viva ainda em nossa comunidade e assim será para sempre, pois imortalizou seu nome em nossa História como aquela que muito amou esta terra, que demonstrava felicidade por cada conquista deste chão... que chorava e se entristecia por cada pedaço de memória de Canguçu que se perdia... Este sentimento ela deixou marcado na poesia "Cerro da Liberdade" e na sua luta para que não tombasse o antigo casarão dos Correia de Paiva e tantos outros. Amiga Marlene quisera eu poder contar-te que mais um de teus sonhos se realizou... Hoje Nossa Senhora da Conceição olha por Canguçu do alto do cerro, do local que sonhaste vê-la um dia a abençoar esta terra... Gostaria de ter compartilhado contigo esta alegria, assim como imagino tua felicidade ao ver que hoje nossa Academia, a quem dedicaste tanto carinho e atenção, tem sua sede própria, cumprindo o papel a que se destina, preservar a memória deste município.

Quanto ao Museu Capitão Henrique José Barbosa, tenho-o como uma agradável lembrança, pois foi um lugar muito especial de trabalhar, assim como é trabalhar na ACANDHIS: conviver com amigos, aprender coisas novas, descobrir coisas perdidas no tempo, na memória das pessoas, coisas não lembradas a muitos e muitos anos consideradas sem valor para o mundo exterior, mas de grande valor para quem guarda com carinho no baú das lembranças.

Assim era meu trabalho no Museu Histórico Capitão Henrique José Barbosa. Guardar história, ouvir lembranças, valorizar pessoas, escutar... escutar o que os outros já não tem tempo para ouvir... Viajar junto, voltar no tempo, ir para o passado, dar gostosas risadas com fatos tão pitorescos; chorar... chorar por alguém que foi lembrado, por algum fato triste acontecido, sentir pena, sentir saudade, sentir felicidade, sentir a nostalgia do que foi e nunca mais irá retornar, virar páginas todos os dias, pois cada dia que passa já entra para a história de nossas vidas. Tenho saudade de mexer nos velhos livros, nas velhas fotografias, nos velhos objetos, muitos tão delicados, mas só quem realmente os ama, consegue ver sua beleza, pois ela não está aparente para olhos comuns, ela só é evidente para os olhos de quem busca além do que está expresso na matéria, a marca que traz impressa, a marca de quem pertenceu. Gostava de ler cartas antigas, cartões postais... Ficava encantada com o traçado das letras, verdadeira arte, mostrando a tranquilidade que vivia-se no passado, podendo dar atenção a mínimos detalhes, como não borrar uma folha escrevendo com caneta bico de pena... passar o mata-borrão, esperar a tinta secar, cuidadosamente dobrar, colocar o sinete e depois enviar por um mensageiro. Tudo isso é muito especial e não pode jamais ser esquecido, para não corrermos o risco de sermos somente seres do futuro, que incapazes de criar, de expressar sentimentos, buscamos na internet mensagens lindas que alguém criou (totalmente impessoais), e mandamos para nossos amigos querendo fazer crer que aquilo que estamos mandando é o que realmente pensamos ou sentimos. Enfim... tantas coisas boas para lembrar dos doze anos que trabalhei dentro daquela casa. Aprendi muita coisa, principalmente a valorizar lembranças; gosto mais desta parte do que guardar o que é material. Fiz grandes amigos... Aqueles que somente se faz trabalhando em lugares como este; entre eles guardo com carinho a lembrança do meu amigo de museu "Waldemar Fonseca", chegava sempre pela manhã, colocava a cadeira a meu lado e dizia: "Traz de lá as fotografia"... Eu trazia e assim passávamos a manhã. Ele tinha uma

memória extraordinária, cada foto lhe lembrava o episódio que passava a contar com detalhes. Amigo querido, ainda bem que quando foi despedir-se de mim eu não estava, pois não gostaria de ter na memória esta lembrança triste... Deixou dito apenas que tinha ido dizer adeus, que não voltaria mais... E não voltou. Outro grande amigo de museu foi o "Dr. Amilton Valente da Silveira", incentivador, sempre elogiando tudo que era feito, sempre procurando contribuir com o que sabia, sempre procurando algo novo dentro do que já era velho. Prometi a Marlene que cuidaria do museu e cumpri enquanto foi possível. Espero amiga que hoje busques vãos mais altos e deixe o que é material para aqueles que ainda estão na matéria. Sei que era teu sonho, teu projeto de vida mas... o que fazer ?? Sinto muito! Hoje procuro contribuir com a preservação da memória do meu município, dedicando-me a ACANDHIS. Mas historicamente, tenho a dizer que o museu Capitão Henrique José Barbosa foi criado em 15 de dezembro de 1972, por iniciativa da Professora Marlene Barbosa Coelho. Até momento em que fiz o último relatório o Museu contava com um acervo de aproximadamente 1500 peças, sendo que em torno de 950 encontram-se em exposição. Os temas guias do acervo apresentam-se como: Armaria, Pinacoteca, Brinquedos, Adornos, Louças, Objetos Campeiros, Objetos Religiosos e Arqueologia. O Museu possibilita ainda a pesquisa em Arquivos, fotografias antigas organizadas em álbuns, Jornais editados no município, documentos manuscritos, publicações de autores canguçuenses e a fins; fora estes, o museu contava ainda em seu acervo com livros variados para consulta, antigos almanaques, publicações específicas sobre Museus e romances antigos. Entre as atividades que eram desenvolvidas pelo museu encontram-se as pesquisas históricas, visitações, exposições e exposição da história do município nas escolas e comunidade, como por exemplo, grupos de idosos e Centros de Tradições. Também foi desenvolvido o projeto "Conhecendo Canguçu", contando com representação de alunos das redes municipal, estadual e particular de ensino. Em 2008 começamos um processo de informatização do Museu Histórico Municipal, que, através de seus 2 computadores e 1 Notebook possibilitaria a pesquisa e a visitação virtual ao acervos fotográfico e de peças, infelizmente tal projeto não chegou a termo. O acervo do museu encontrava-se dividido em salas, sendo que a 1ª sala expunha um ORATÓRIO, muito usado nas residências antigas em função da distância das Igrejas. Junto a oratórios como aqueles eram realizadas cerimônias religiosas, como missas, batizados e casamentos, quando da passagem de Padres pelas fazendas. Outra peça de grande beleza que encontrava-se em exposição nesta peça era o GRAMOFONE, espécie de toca-discos antigo, datado do início do século XX, funcionava a corda e reproduzia o som gravado em discos de vinil. Também de grande beleza e utilidade, o RELÓGIO DE PÊNDULO (carrilhão), artigo de luxo, era encontrado nesta sala e no passado, nas salas das casas mais abastadas; sua batida era forte o suficiente para que fosse ouvida em todas as dependências de casas grandes como a que abriga o museu municipal. Também em exposição, O BRASÃO da Primeira Bandeira Municipal, recolhida pela Brigada Militar, e um VIOLINO, construído artesanalmente pelo canguçuense Luís Pureza. Era nesta sala que encontrava-se um computador para pesquisa e visitação virtual do Museu, adquirido através do Projeto "Museu Informatizado". Na 2ª sala, encontrava-se em exposição uma "SALA DE VISITAS", em estilo colonial português (a qual destacamos, que esta não seria apropriada para o uso hoje em dia, devido ao pouco conforto que oferece). Nesta sala estavam expostos ainda os BRINQUEDOS, que eram simples e pouco variados: meninas brincavam com bonecas de pano, confeccionadas pelas avós ou fabricadas pelas "Afonças", filhas de Afonso Legório, tradicionais bonequeiras de nossa cidade, ficando claro que como acontecia em qualquer outro lugar, as famílias mais

abastadas ofereciam a suas filhas bonecas de porcelana que vinham do centro do país e mesmo da Europa; já os meninos brincavam com carrinhos, bolinhas de gude, gadinho de osso, em sua simplicidade não experimentaram o consumismo dos dias atuais. Os **ÁLBUNS**, de grande beleza, guardavam fotografias ofertadas por parentes e amigos. Em exposição nas salas de visitas, eram muito apreciados. As fotografias eram objetos de grande valor, raras e caras, assim sendo, percebe-se nas fotografias antigas, grande esmero nas roupas, jóias e penteados. As **LOUÇAS DE TOUCADOR**, também denotavam a classe social dos usuários; existiam desde a fina louça européia (porcelana Inglesa, alemã e outras) até as de barro cozido, louça ágata ou lata, constituindo peças desses conjuntos: Jarro com bacia, penteira, saboneteira, urinol, pequenos cântaros e bacias utilizadas para fazer a barba; sua utilidade era inegável numa época em que toda a higiene pessoal era feita nos quartos de dormir, devido a inexistência de banheiros nas casas. Ressaltava-se ainda as **LOUÇAS**, em porcelana, finamente decoradas, **OS OBJETOS DE USO MASCULINO**, como os relógios de bolso, isqueiros, braseiros etc. e os **OBJETOS DE USO FEMININO**, com os espartilhos, leques, frisadores de cabelo, batons, luvas etc. Também expostos nesta sala, e de grande importância, eram os **OBJETOS MILITARES** que nos deixam evidente a participação canguçuense nos movimentos revolucionários do sul do país, bem como nos conflitos do Prata e mesmo na 2ª Guerra Mundial. Entre os **OBJETOS RELIGIOSOS**, salientava-se a fotografia do Bispo do D. Otaviano Pereira de Albuquerque, canguçuense, bispo do Piauí, bem como, objetos Sacros, ofertados ao Padre Afonso Bandeira por seus familiares no ato de sua Ordenação. Na 3ª sala, o destaque era para **ARMARIA**, coleção de armas antigas, as **GARRUCHAS** datam da época da Revolução Farroupilha, bem como as **PONTAS DE LANÇA**; as **BAIONETAS**, usadas na extremidade das armas , datam da época da guerra do Paraguai, algumas **ESPADAS**, são do Império Brasileiro, outras do período republicano, dentre estas desça-se a espada e presidente e fundador da **ACANDHIS**, e por ele doada ao museu quando este se passou para a Reserva em 1990; observava-se, ainda, **PUNHAIS**, **FACÕES** E **ADAGAS**, muito usados no passado como objetos de defesa pessoal.

Os **OBJETOS DE USO CAMPEIRO**, usados no RS para as lides do campo, também encontram-se em exposição e entre eles destacamos os **ESTRIBOS E CABEÇALHOS DE LOMBILHOS** em prata, decorados em relevo, **RELHOS**, **REBEMQUES** E **CHICOTES** de couro trançado e cabo de prata. **FREIOS** para amansar burros, **CELINS** (cela de montaria feminina) forrados em couro e veludo e a **MARCA DO GADO** da histórica fazenda do Cristal.

Encontravam-se ainda **MÁQUINAS DE COSTURAR**, de pedal ou manual, peças indispensáveis nas casas antigas, para a confecção de roupas e para o uso doméstico. Os **INSTRUMENTOS MUSICAIS**, datados do século XIX, entre eles, o **BANDONEON**, **CONCERTINA**, **GAITA DE 8 BAIXOS** e, já do Século XX, o **VIOLINO** E O **BANDOLIM**, também encontram-se em exposição, bem como, o **PONCHO DE LÃ CRUA**, que pertenceu ao folclorista **LUIZ CARLOS BARBOSA LESSA**, doado a este Museu pelo piquete Barbosa Lessa. Suspenso, encontra-se **HOMENAGEM AOS PRACINHAS CANGUÇUENSES**, Isidro Matozo e Hortêncio Rosa, mortos na Itália, durante a 2ª Guerra Mundial. Esta homenagem feita pelo fotografo Egídio Camargo, em 02. de setembro de 1945, foi reconhecida como a primeira homenagem, prestada aos pracinhas brasileiros mortos na guerra. Destacam-se ainda, antigas **MALAS DE MADEIRA**, **BAÚ DE LATÃO**, **ALMOFADA DE RENDA DE BILRO**, **RELOGIO DE MESA**, **TELEFONE SEM DISCAGEM DIRETA**, **GRAMOFONE-VITROLA**, **TÔMBOLA** E **MÁQUINA DE ESCREVER**.

A 4ª sala era dedicada a ARQUEOLOGIA, expressa em objetos indígenas, da Pré-História do Município; IGAÇABAS, urnas funerárias indígena, moldadas em barro (cerâmica), trabalhada artesanalmente com pintura da tradição Tupi- Guarani, ou trabalhada com a unha. PONTAS DE FLECHA E LANÇAS, PEDRAS DE BOLEADEIRAS e CAMBUXIS (painéis indígenas). Destaca-se também um ORATÓRIO COM IMAGENS DE SANTOS EM MADEIRA, conta sua história que inicialmente o oratório, datado do início século XIX, foi presenteado a José Maurício Vicente Borges e Maria da Conceição Leal na ocasião de seu casamento, passando a ser utilizado na capela da fazenda, onde regularmente o padre da paróquia local rezava missas, celebrava batizados e casamentos e também, com ele, eram realizadas procissões pedindo chuva. O oratório em questão foi doado ao filho Israel José Borges por sua mãe, Maria Conceição Leal, quando este partiu para lutar na revolução de 1893, como promessa por sua volta com vida, no que foi atendida. Chegou ao Museu Municipal na década de 80, como doação feita por Campolino Borges, filho de Israel José Borges, alegando que tal peça seria de valor sentimental inestimável, devido a toda história familiar que carrega consigo. As imagens religiosas que o acompanham, esculpidas em madeira com filetes á ouro na pintura já bastante descascada, encontram-se mais danificadas em razão de antigo costume na região de mutilarem-se as estátuas de santos até a realização de desejos solicitados em promessas, assim sendo percebe-se a falta das mãos e rosto, na imagem de Nossa Senhora da Conceição; o rosto, as mãos e mesmo a falta do Menino Jesus, na imagem de Santa Ana. Tal costume, embora cruel não era raro e em muitos oratórios percebia-se a presença de " relicários " que iriam guardar estas peças retiradas das estátuas até a realização de seus desejos.

A MÁQUINA FOTOGRÁFICA, de confecção caseira, fabricada pelo fotógrafo Egídio Camargo, que por quarenta e nove anos registrou a história do município, servia para fotografar imagens de longa distância como as de vistas da cidade dos anos de 1939 e 1942, também expostas nesta sala. ESCULTURAS DE ANJOS E VASOS EM MÁRMORE, são objetos bastante antigos, recolhidos do Cemitério Municipal. Completam a coleção neste ambiente, MATERIAL ESCOLAR e alguns utilizados para TRABALHOS MANUAIS, bem como, vários objetos de uso domésticos, entre eles FERRO DE BRASA, FOGAREIRO PRIMO, ESPIRITEIRAS E MOEDOR DE CAFÉ. Acredito que tais objetos encontram-se ainda compondo o acervo do museu, porém, sua disposição nas peças já não é a mesma, visto a mudança do Gabinete para a Casa de Cultura, o que ocasionou a perda de duas salas de exposição do museu.

Nota do Presidente da ACANDHIS:O que foi a Semana Cultura de Canguçu consta dos originais de meu livro Canguçu reencontro com a História e descrita em cartas da Irmã Firmina Simon, então a presidente por min escolhida para ser a delegada da Delegacia da Academia Brasileira de História integrada pelas professoras Laedi e Marlene e o radialista Adão Jesus Marques Pereira.O Piquete Vanguardeiro foi uma sugestão nossa a Marlene como homenagem ao bravo canguçuense, o mais tarde general Hipólito Pinto Ribeiro que foi denominação de praça que existiu no quadrilátero formado pelas artérias Av Exército Nacional Brigadeiro de Sampaio, Júlio de Castilhos,Gaspar Silveira Martins e General Osório. A atual Avenida Exército Nacional foi em toda a sua extensão denominada General Hipolito Ribeiro o qual na Guerra do Paraguai foi o VANGUARDEIRO do Gen ANDRADE NEVES ó Barão do Triunfo. O General Hipolito nasceu em casa que existiu no local da Igreja Episcopal No museu existe um quadro por min elaborado nele constando diversos tipo de balas. Munições.História exige do historiador isenção e fidelidade a verdade.Assim creio que a Memória da acadêmica post mortem professora Marlene foi resgatada e a ela estou a dever a existêncino Museu de fotos de meus bisavós paternos e maternos e de meus avós paternos e maternos e de meus tios paternos,as quai por falecimento dos mesmos tomaram o destino do museu e não a destruição.

